

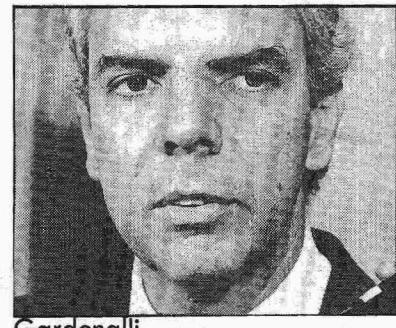
OUTROS DESAFIOS NA ECONOMIA

Recessão, orçamento e dívida esperam Krause.

Além da inflação, na opinião de economistas e empresários os principais desafios do ministro da Fazenda, Gustavo Krause são:

● **Recessão e desemprego:** A mudança de governo, somada a declarações do presidente Itamar Franco de que teria de haver uma recuperação da economia, geraram forte expectativa entre empresários e trabalhadores que querem o fim da recessão. "Esse governo será muito cobrado, principalmente no que diz respeito à recuperação do emprego", avalia o presidente do Conselho dos Economistas de São Paulo, Geraldo Gardenalli. Para Maílson da Nóbrega não há espaço para crescer sem reformas estruturais.

Para Gardenalli é preciso buscar esse crescimento, que pode se dar gradualmente e ocupando a capacidade ociosa das indústrias. As empresas se encontram com um baixo nível de endividamento e prontas para crescer. "Só falta o mercado", comenta Pedro Mello, diretor da área internacional do



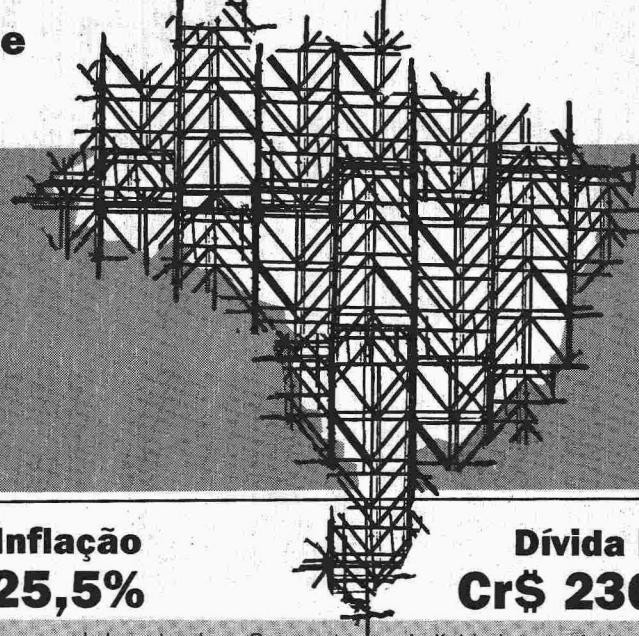
Gardenalli

Arquivo/AE

rios. "Isso pode representar apenas um mero aumento da carga tributária, o que mostra que estaremos desperdiçando uma grande oportunidade de fazer a reforma para valer", comenta Luiz Fernando Furlan, presidente da Associação Brasileira das Empresas de Capital Aberto (Abrasca).

● **Dívida Mobiliária** — A dívida interna fora do Banco Central deve ter chegado, em setembro, a algo próximo a 9% do PIB. O que assusta não é tanto o seu volume, no momento, mas a velocidade com que vêm crescendo. "Ela ainda não chegou nos níveis anteriores ao governo Collor, quando foi de 15,2% do PIB, mas por outro lado cresceu sensivelmente sobre dezembro do ano passado, quando era de apenas 3% do PIB", comenta Carlos Eduardo Carvalho, da Fundap. Com o fim da liberação de cruzados novos ela tende a se estabilizar, mas com a manutenção da política de juros altos o estoque da dívida cresce rapidamente. W.F.

Economia: o quadro que Itamar encontrou.



Inflação 25,5%

Esta é a inflação provável de setembro. Para este resto do ano pode-se esperar um pequeno recuo desse número por conta do fim das remarcavações preventivas que aconteceram em agosto e setembro por conta da crise política.

Arrecadação - 10,5%

Em doze meses, o Tesouro Federal arrecadou 10,5% menos (estimativa) do que nos doze meses anteriores, por aumento da recessão econômica, aumento da sonegação e por decisão judicial. Apenas a reforma fiscal de emergência poderá reverter esse quadro, a partir do ano que vem.

Déficit fiscal 4%

É o buraco de caixa do Tesouro Federal: 4% do Produto Interno Bruto. Uma consequência, ao mesmo tempo, da quebra da arrecadação e do aumento das despesas. A ordem geral de freiar todos os gastos pode atenuar em alguma coisa esse quadro, nos próximos meses.

Saldo comercial US\$ 10,2 bilhões (agosto)

Entre março e agosto último, o superávit comercial girou em torno dos US\$ 1,5 bilhão por mês. Esse volume deverá continuar nesse nível de maneira a somar cerca de US\$ 16,5 bilhões em todo o ano de 1992.

Reservas US\$ 22,7 bilhões

Este é o volume das reservas externas em julho último, provavelmente não muito distante dos números definitivos de setembro. Para os próximos meses, este número pode elevar-se ou manter-se relativamente estável. Espera-se a manutenção do superávit comercial e alguma entrada líquida de dólares.

Dívida Mobiliária Cr\$ 230 trilhões

A dívida interna federal fora do Banco Central deve ter chegado, em setembro, a alguma coisa em torno dos 9% do PIB, o dobro do que havia depois do confisco dos cruzados novos. A tendência agora é de uma certa estabilização.

Recessão 0,6%

No primeiro semestre deste ano, a economia cresceu apenas 0,6% em relação aos primeiros seis meses de 1991. Como a austeridade deve continuar, ninguém deve contar com uma boa virada nesse quadro.

Produção Industrial 3,7%

Até julho último, esse era o percentual de crescimento da produção da indústria paulista de transformação, em comparação com o período janeiro/julho de 91. É possível que até o final deste ano contabilize um crescimento algo mais alto, graças ao bom desempenho das exportações e do bom desempenho da economia informal.

Construção civil - 11,2%

Foi a queda do consumo nacional de cimento — seguro indicador do nível da construção civil — no período janeiro-julho, em relação a janeiro-julho de 1991. A expectativa é de uma boa reação neste setor diante do aumento das obras públicas neste período eleitoral.

Desemprego 16,2%

Isso significa que, na Grande São Paulo, aproximadamente 1,2 milhões de trabalhadores, ou 16,2% da população economicamente ativa, estão sem emprego. Não se deve esperar que esse número melhore significativamente neste final de ano.